

SOB O SIGNO DO PRECONCEITO: A EPILEPSIA NOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MAGALHÃES DE AZEREDO.

Aluna: Samantha Valério Parente Souza

Professora: Margarida de Souza Neves

INTRODUÇÃO:

Este relatório é referente ao trabalho do segundo semestre de 2008 e do primeiro semestre de 2009 vinculado ao Projeto *Em Defesa da sociedade? Epilepsia e Propensão ao crime no pensamento médico brasileiro.(1897-1957)*, coordenado pela Professora Margarida de Souza Neves, do Departamento de História. O sub-tema que desenvolvo no Projeto diz respeito a depoimentos de pessoas com epilepsia, no final do século XIX e início do XX.

Neste ano a pesquisa concentrou-se na escrita autobiográfica de Magalhães de Azeredo, sua correspondência com Mário de Alencar e principalmente com Machado de Assis, e também em seu livro autobiográfico *Memórias*. Nessa autobiografia, o autor narra fatos de sua infância até seus vinte cinco anos. A análise dessa documentação visa a encontrar registros sobre epilepsia nesta escrita tão particular, já que escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia são raros. Trata-se de uma documentação de especial relevância para este projeto de pesquisa, não só pelo caráter de testemunho de pessoas que sofreram em seus corpos com essa doença em tempos em que a medicina ainda não tinha meios de controlá-la, mas que moralmente também foram objeto do preconceito que cercava – e cerca até hoje – os que têm epilepsia. Através do estudo dessas cartas e deste livro de memórias é possível identificar o quanto o pensamento e o saber médico condiciona a vida de Magalhães de Azeredo, e como as imagens que ele tem de si mesmo estão calcadas no modo como são representados os que têm epilepsia nas teses médicas apresentadas nas Faculdades de Medicina da época.

Cada um desses pontos é desenvolvido ao longo da parte substantiva do Relatório, que busca através desses escritos autobiográficos perceber como era a vida de pessoas com epilepsia no século XIX e início do XX sob sua própria perspectiva, em um momento em que a medicina não detinha os conhecimentos e os procedimentos para entender a doença e suas manifestações.

Relatório Técnico: Período de agosto de 2008 a julho de 2009

Essa parte do Relatório é a descrição das atividades do trabalho individual em meu sub-tema e das realizadas em função dos interesses gerais do grupo de pesquisa, assim como das atividades realizadas por todo grupo.

1. Participação em Seminários e Congressos:

XVI Seminário de Iniciação Científica da PUC – Rio – Jornadas PIBIC 2008. Apresentação com pôster, 26 a 29 de agosto de 2008, Rio de Janeiro – Pilotis do Leme.

Seminário do departamento de Letras: Machado de Assis (1908 – 2008) - Participação como ouvinte - Realizado em setembro de 2008, na PUC-Rio.

11º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. 25 Anos da Sociedade Brasileira de História da Ciência – Realizado na Universidade Federal Fluminense – Participação como ouvinte e mini-curso – 26 a 29 de outubro de 2008.

CONIC – SEMESP/ COINT – SEMESP: 8º Congresso Nacional de Iniciação Científica/ 6º Congresso Internacional de Iniciação Científica. Participação com apresentação de pôster - Realizado na Unifac, 16 e 17 novembro de 2008 - Botucatu – São Paulo.

3º Seminário de História das Doenças. 200 anos: doenças, práticas terapêuticas e tecnologia. Realizado no Centro de Ciências da Saúde da UFRJ – Cidade Universitária – Ilha do Fundão – Rio de Janeiro – Participação com apresentação de pôster – 3 a 5 de dezembro de 2008.

XXV Simpósio Nacional de História. História e Ética. Realizado na Universidade Federal do Ceará – Participação com apresentação de pôster – 12 a 17 de julho de 2009 – Fortaleza – Ceará.

2. Fichamentos que serviram de base para o trabalho individual, e que seguiram o modelo de fichamento bibliográfico proposto para as leituras feitas pela coordenadora da equipe, professora Margarida de Souza Neves:

AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

BASTOS, Dau. *Machado de Assis. Num recanto, o mundo inteiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira, e GOTLIB, Nádya Battella (orgs). *Prezado Senhor. Prezada Senhora. Estudos Sobre Cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico. De Rousseau a Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de e PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). “Narrativas em processos de pesquisa e formação: escrevendo... Juntando pedacinhos, reconstruindo trajetórias.” In *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. (Coleção História e Saúde)

Atividades individuais:

- Reuniões semanais em que são realizados seminários de leituras propostas pela professora Margarida de Souza Neves e discussões de textos de interesse para pesquisa.
- Produção de material para o site da pesquisa: www.historiaecultura.pro.br
- Levantamento na Biblioteca Nacional dos periódicos: Archivos Brasileiros de Higiene Mental e bibliografia sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental.
- Levantamento na Academia Brasileira de Letras da correspondência ativa e passiva nos Arquivos de Machado de Assis, Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo.
- Digitalização de uma parte da correspondência de Mário de Alencar.
- Produção de uma resenha para o site do texto: ALBUQUERQUE, Medeiros e. “El soldado Jacob”. In: SILVA, Roberto da Costa e, LONDOÑO VÉLEZ, Santiago. *A propósito de los cuentos brasileños Del siglo XIX*. Barcelona: Grupo Editorial Norma, 1992.
- Apresentação de seminário interno do livro:
STEPAN, Nancy Leys. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. (Coleção História e Saúde)
- Apresentação de seminário interno do primeiro exemplar do periódico: *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*.
- Seminário de apresentação de esboço do projeto de monografia: Reunião de orientação com as professoras Margarida de Souza Neves e Heloisa Cerzedelo Corrêa.

3. Importância da Iniciação Científica:

A Iniciação Científica é muito importante para meu desenvolvimento acadêmico, pois me permite através da produção de textos e fichamentos aprimorar cada vez mais minha escrita e método de trabalho, o que conseqüentemente me auxilia nas disciplinas, na produção de melhores trabalhos e provas. O rendimento nas disciplinas do curso também melhorou, já que nas reuniões semanais fazemos discussões não só de textos diretamente relacionados ao projeto, ms também a textos que direta ou indiretamente interessam às disciplinas que estamos cursando no período. O trabalho em grupo é extremamente positivo e enriquecedor, não só do ponto de vista acadêmico, mas também pelas relações de amizade que construímos ao longo da pesquisa.

Foi neste projeto que tive a oportunidade de desenvolver um tema de pesquisa que vai se transformar em minha monografia de final de curso, e de apresentá-lo em seminários que ocorreram na PUC-Rio e em outras universidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza. Dificilmente isso seria possível se eu não fosse uma bolsista de IC. Essa troca de saber com outras universidades é muito benéfica para nosso desenvolvimento acadêmico, é durante esses eventos que conhecemos outras pesquisas, outros alunos e professores que sempre tem uma crítica e sugestões para melhorarmos nosso trabalho.

A Iniciação Científica possibilita que coloquemos em prática o que aprendemos em sala de aula, criarmos um pensamento crítico, trabalhar em acervos documentais, interpretar os documentos, entre outras habilidades que são indispensáveis a aqueles que pretendem desempenhar o ofício de historiador, em buscar no passado as respostas para o nosso presente.

Relatório Substantivo

UM FANTASMA VESTIDO DE NEGRO

1. ***“Asas nos ombros e grilhões nos pulsos.”¹***

Carlos Magalhães de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro no dia 7 de setembro de 1872, formou-se em Direito, tornou-se diplomata e é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Desde muito jovem colaborava em jornais do Rio e São Paulo, publicou alguns livros de contos, ensaios e poesias, mas suas obras não são muito conhecidas por que nunca foi um escritor de grande expressão no cenário intelectual da época. Sua principal atividade sempre foi a de diplomata. Ingressou na carreira em 1895 ao receber o cargo de embaixador no Uruguai, um ano depois foi transferido para Europa onde permaneceu até a sua morte.

¹ Trecho de um verso de Olavo Bilac citado na carta de 22 de janeiro de 1894, endereçada a Machado de Assis.

Mesmo vivendo longe do Brasil nunca perdeu o contato com dois de seus maiores amigos e correspondentes, Machado de Assis e Mario de Alencar. Sua amizade com o *mestre e amigo*² Machado de Assis começou em 1889, quando Magalhães de Azeredo envia uma carta ao escritor com alguns poemas seus para serem avaliados. Carinhosamente, Machado responde à carta de forma indulgente e animadora, incentivando ao jovem para que continue a escrever e consiga se aprimorar. Um ano depois, os dois se conhecem pessoalmente e selam uma amizade longa e duradoura. O arquivo da correspondência trocada pelos dois missivistas é composto por 137 cartas, com início em 1889 e a última é de 1908, ano da morte de Machado.

É nessa correspondência que os dois escrevem sobre suas vidas intelectual e pessoal, sobre seus medos e angústias que os assombram por terem epilepsia. Cada um deles se solidariza com a aflição do outro, e ambos procuram dar forças e ânimo a seu correspondente para continuar a escrever, trabalhar e lidar com a doença tão estigmatizada, alvo de preconceitos e vista como um *grande mal* por toda sociedade. É em razão deste preconceito que os dois missivistas em nenhuma de suas cartas aludem à doença por seu nome clínico, epilepsia, e se utilizam apenas de eufemismos ou metáforas. Azeredo quando escreve sobre a epilepsia usa termos como *dispepsia nervosa* ou *neurastenia*, termos utilizados como sinônimos para epilepsia, como demonstra o trecho abaixo:

“[...] , mas quanto a mim, acresce a propensão evidente que tenho para neurastenia. Empenhado em estudar minha moléstia, tenho um sem número de teses e tratados que dela se ocupam, e já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal. Um dos sintomas é precisamente essa inaptidão para o trabalho de que me queixo tantas vezes, e contra o qual, em momentos de crise, é nulo todo esforço da vontade. Aqueles formosos versos em que Olavo Bilac se lastima sentir ‘Asas nos ombros e Grilhões nos pulsos’ exprime bem um dos piores tormentos da neurastenia nos homens de letras. Reconhecer a idéia que se elabora no cérebro, o prurido de produção que agita o organismo todo, e não poder dar forma literária às

² Era dessa forma que Magalhães tratava o amigo Machado de Assis nas cartas.

concepções da fantasia... não é um suplicio mais doloroso que o de Tântalo?”³

Este trecho deixa entrever como era penosa a epilepsia para Magalhães de Azeredo, pois os *epilépticos* eram pessoas vistas como *desgraçadas* que estavam condenadas a repousos forçados, deveriam por toda vida se guardar dos excessos. A epilepsia era na época considerada uma doença do sistema nervoso, que era degenerativa, e poderia levar a loucura. Os médicos acreditavam que seu principal meio de transmissão era a hereditariedade e, segundo as teorias de Cesare Lombroso⁴, todo epilético era um criminoso em potencial. Depois de todos esses argumentos clínicos é de se imaginar que realmente nenhuma pessoa que tivesse epilepsia nesta época gostaria de se identificar com a doença, e sofria sinceramente em imaginar que poderia se tornar um louco, criminoso ou conceber filhos que sofreriam com a mesma desgraça. Muito significativo é o fato de que, nem Machado nem Magalhães de Azeredo, que sabiam que tinham epilepsia desde crianças, tenham tido filhos apesar de terem sido casados por tantos anos. Muitos críticos de Machado acreditam que seus escritos literários têm muito de biográfico, por isso talvez possamos levar em conta uma de suas declarações finais em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que diz o seguinte:

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.”⁵

Em suas cartas, Magalhães não menciona que ele e a esposa tenham alguma vez tentado ter filhos, e como seu livro de memórias só narra sua vida até os vinte cinco anos, só é possível fazer conjecturas quanto às razões do casal não ter tido descendentes. O casal teria inúmeras razões para não quererem transmitir a sua prole essa doença tão terrível, tal como era descrita nos escritos médicos da época. O intelectual tinha conhecimento do conteúdo das teses, pois escreveu em uma das cartas enviadas ao amigo

³ Carmelo VIRGILLO. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. Carta de Magalhães de Azeredo a machado de Assis **São João d’El-Rey, 22 de Janeiro de 1894**. (Pp.26-28).

⁴ SANTOS, Maria Aparecida dos. Relatório PIBIC 2006. Mimeo In www.historiaecultura.pro.br

⁵ Margarida de Souza NEVES. *Em primeira pessoa: Escritos autobiográficos de pacientes com epilepsia no Brasil do século XIX*. Mimeo In www.historiaecultura.pro.br.

Machado que estava “*Empenhado em estudar*” sua “*moléstia*”, e que tinha lido “*um sem número de teses e tratados que dela se ocupam.*”⁶

Não devia ser nada agradável ou consolador ler o que os médicos escreviam sobre epilepsia na época, pois eles a viam como uma condenação, achavam que esta era uma doença nervosa, pois não tinham conhecimento da rede neuronal, conhecimento chave para entender a epilepsia e tratá-la de forma adequada. O tratamento da epilepsia era baseado na indicação de bromuretos e outras maneiras mais duvidosas de tratamento, como dar tiro perto do ouvido com risco de acertar o paciente, castração, cauterização dos nervos⁷, o isolamento, passeios ao ar livre, banhos mornos prolongados, dentre tantos outros tipos de tratamento.⁸

É compreensível que, por causa dessa visão negativada sobre aqueles que tinham epilepsia, Magalhães de Azeredo tenha deixado oculta sua identidade no mundo dos doentes em seu livro de memórias. Susan Sontag no livro *Doença como metáfora* trata da dupla identidade dos doentes, uma no mundo dos sãos e outra no mundo dos doentes. Neste livro a autora aborda o tema dos “*usos da doença como figura ou metáfora*”, sob a perspectiva dos que, ainda hoje, têm câncer, hanseníase e tuberculose, e de como as pessoas que têm essas doenças sofrem e vivem sob o jugo das metáforas que cercam a doença e encerram os doentes em um círculo de maldição. A epilepsia também pode ser inserida neste grupo, pois também é cercada de metáforas negativas, que faz com que aqueles que recebem o diagnóstico da doença, sofram sob seu jugo, o que torna aplicável a eles o que Susan Sontag escreve:

“A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem tem dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo

⁶ Carmelo VIRGILLO. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. Carta de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis **São João d’El-Rey, 22 de Janeiro de 1894**. (Pp.26-28).

⁷ Francisco PINHEIRO GUIMARÃES. *Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade*. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

⁸ João FAGUNDES. *Contribuição ao estudo da Klinotherapie nos alienados*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1903.

ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos deste outro lugar. [...] é quase impossível fixar residência no reino dos doentes sem ter sido previamente influenciado pelas metáforas lúgubres com que esse reino foi pintado.”⁹

Por ser escritor no *reino dos sãos*, Magalhães de Azeredo se vê e é visto como alguém privilegiado por ter *asas nos ombros*. Na *zona noturna do reino dos doentes*, na virada do século XIX para o século XX não havia, para ele, para Machado de Assis e para tantos outros diagnosticados como *epiléticos*, outra opção senão experimentar a doença como *pesados grilhões nos pulsos*.

2. A construção da *persona*¹⁰ pública

A epilepsia sempre foi uma doença extremamente cercada por preconceitos, era vista como um grande mal e aqueles que eram *agarrados*¹¹ por ela eram chamados *epilépticos*, o que fazia que a pessoa que tem epilepsia se tornasse sua própria doença. Ainda hoje, quando alguém nos conta que uma outra pessoa tem epilepsia, se refere a ela como *epiléptica*, ou que essa possui “*aquela doença*”, ou seja, a doença é tão terrível que não deve seu nome nem deve ser pronunciado, pois isso traria algum tipo de maldição àquele que se atreve enunciar seu nome clínico. Se hoje, com todo conhecimento da medicina sobre a epilepsia algumas pessoas ainda têm esse olhar preconceituoso e supersticioso sobre ela, na é difícil imaginar o peso da doença no final do século XIX.

Magalhães de Azeredo como aqueles que tinham epilepsia, não queria ser visto como um *epiléptico*, e ter sobre si toda a carga negativa da doença. Era somente nas cartas que trocava com seus amigos Machado de Assis e Mário de Alencar, que permitia que sua identidade no mundo dos doentes se mostrasse, pois assim como ele, os outros dois missivistas tinham epilepsia. Eram iguais no que dizia respeito não só ao lugar social que ocupavam, que era o de intelectuais, membros da Academia Brasileira de Letras mas

⁹ Susan SONTAG. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.11.

¹⁰ O termo *persona* está utilizado aqui como construção de uma imagem de si para os outros, na mesma acepção usada por Rebeca CONTIJO. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” In GOMES, Ângela de Castro(org).*Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

¹¹ O termo epilepsia, etimologicamente, quer dizer “agarrar de surpresa”.

também porque sofriam em suas vidas privadas com a epilepsia. Nessa correspondência foram identificadas várias menções à doença, por meio de metáforas ou sinônimos, mas em seu livro de memórias, que é uma narrativa direcionada à publicação, são escassas as alusões sobre a sua epilepsia. É possível afirmar diante das evidências que Magalhães de Azeredo não deixaria para posteridade memórias de um *epilético*, mas sim de um intelectual, que viajou muito e se relacionou com pessoas ilustres. E essa parece ser a intenção do autor, uma vez que no livro ele narra exatamente isso, as viagens que fez, os ilustres que conheceu e se relacionou, e sua carreira diplomática que lhe possibilitou conhecer nada menos que cinco Papas, detalhe que sublinha com ênfase. Enfim, sua face luminosa de membro da Academia Brasileira de Letras, não apenas um escritor, mas um *imortal* e um diplomata, representante oficial de seu país junto a governos estrangeiros, é o que sobressai em sua autobiografia, e deixa na sombra do silêncio o agulhão de sua *mortalidade*, tantas vezes evidenciada nas crises de epilepsia. No entanto, ainda assim Magalhães de Azeredo cita, mesmo que pouco e de forma alusiva, sua doença.

A primeira vez que toca no assunto da doença é quando alude a seu nascimento, quando não um mas *vários médicos ilustres* foram chamados para examinar o recém nascido e lhe atribuíram características *mórbidas*, como narra o autor no parágrafo abaixo:

*“Vários médicos ilustres, examinando-me acuradamente, atribuíram a tais circunstâncias a minha excessiva, senão mórbida, sensibilidade, e as periódicas perturbações nervosas do meu organismo, que em tudo o mais – posso com segurança afirmá-lo no momento em que escrevo, perto do meu décimo quarto lustro – se revelou sempre normal, saudável sem a mínima tara.”*¹²

E não deixa de ser significativa a preocupação em afirmar, em um escrito de maturidade, que seu organismo, *“em tudo mais [...] se revelou sempre saudável sem a mínima tara”*, já que a associação direta entre a epilepsia, a loucura, e a tendência inata

¹² AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.4

ao crime era mais um dos preconceitos científicos que cercavam a doença.¹³ A utilização da palavra *tara*, na pena autobiográfica de alguém que, por toda a vida, conviveu com a epilepsia, mesmo se associada à afirmação de sua normalidade e na negativa reiterada de não ter tido nunca a *mínima tara* tem a força de um desabafo e ecoa as concepções da época sobre a doença.

A razão à que o autor atribui por ter nascido com tais características *mórbidas*, foi o sofrimento que sua mãe lhe transmitiu na gestação por ter perdido o marido de forma precoce, grávida de seu primeiro filho. Magalhães afirma que: *“Era o seu cruciante sofrimento, que me transmitira a mim mesmo.”*¹⁴ Essa herança, apesar de aparentemente ter se mostrado sempre forte, foi, para ele, uma sombra que o acompanhava sempre. Por isso afirma que *“o mal psicológico perdurava latente”*, e que, como comprovou ao longo de sua vida, se manifestou de forma *“freqüente no futuro.”*¹⁵

Ao contrário de sua afirmação de que ao longo de suas memórias ele exibiria *“alguns exemplos”* de como esse *“abalo inicial da minha compleição influiu de forma singular no andamento de toda minha vida, e em especial no desenvolvimento da minha principal atividade, que foi a de escritor”*¹⁶, o autor parece esquecer do que qualifica como *esses abalos nervosos*, pois quase desaparecem de sua narrativa. As alusões indiretas à epilepsia se concentram na parte em que narra sua infância. Apesar de na mesma página deixar entrever que sofreu com as perturbações da doença por toda vida:

“Essa diátese resume-se num estado, ora latente, ora patente, de neurastenia, com crises, ora curtas, ora longas, de vários aspectos; e, sobretudo na tendência à melancolia, à tristeza imprevista e os vagos terrores sem causa discernida, nas alternativas bruscas de entusiasmo e de depressão, nas dúvidas, nos desalentos sobre o fruto dos próprios esforços, no ‘Pra quê? Não vale a pena!’, que foi tão nocivo à continuidade do meu trabalho, levando-me a abandonar, incompletos, livros já muito adiantados; e com que demoras e canseiras conclui outros encetados, entretanto, sobre os melhores auspícios! Um dia [...],

¹³ Maria Aparecida do SANTOS. *Entre a Ciência e o Preconceito. Afrânio Peixoto, epilepsia e crime*. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação da PUC-Rio, 2008. (Monografia de final de curso. Mimeo) In www.historiaecultura.pro.br

¹⁴ Idem Ibidem. p.4.

¹⁵ Idem Ibidem. p.5.

¹⁶ Idem p.5.

*explicando esse curioso complexo físico e psíquico ao meu eminente amigo Aloísio de Castro, perguntei-lhe se no seu exercício clínico encontrara caso semelhante ao meu; respondeu-me: 'Tão completo, não.'*¹⁷

Ainda que indiretamente, aparece em sua narrativa o que os médicos denominavam de “*personalidade epiléptica*”, que fazia com que as pessoas com epilepsia por vezes estivessem felizes e eufóricas, dispostas a trabalhar, e de repente, de uma hora para outra, ficassem amuados, tristes, indispostos e irritados.¹⁸ Magalhães escreve que a mãe e o avô resolveram matriculá-lo como aluno externo em um colégio interno por conta de seu “*gênio um tanto excitável e irascível*”¹⁹, pois somente com os cuidados em casa, consideravam que seria um tanto difícil *domá-lo*.

Menciona também que por ocasião do regresso da família para o Rio de Janeiro teve uma “*crise psicológica*”, por causa da mudança de clima. O autor escreve que:

*“[...] a minha restituição à pátria, à sua atmosfera mais cariciosa que a do Porto, menos tonificante também, me revolucionou um pouco o organismo, ocasionando um vago torpor intelectual, compensado pelo aumento da atividade muscular. As altas temperaturas do Rio [...], com o vir da idade adulta se me tornaria um suplício.”*²⁰

E, em função das preocupações maternas com a sua saúde, Azeredo, foi deixado “*andar a gandaia por vários meses*” sem estudar, dedicado a tomar reconstituintes para que pudesse melhorar, ficar mais forte e retornar aos estudos. Esse tipo de procedimento é encontrado com frequência, como recomendação terapêutica, nas teses médicas do período. Apesar dos cuidados familiares, o autor se queixa, ao longo de todo o livro, de ter um *temperamento melancólico* durante toda sua infância. Quando foi enviado ao colégio interno em Itu, era natural que se sentisse deslocado por estar em um ambiente que não lhe era familiar, mas o autor afirma que esta melancolia seria frequente e se “*reproduziria com outra intensidade e amargura – a da soledade moral no meio da*

¹⁷ Idem p.5.

¹⁸ Manuel de Marsilac MOTTA. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900.p.45.

¹⁹ AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.11.

²⁰ Idem Ibidem p.22.

multidão”, pois, em suas palavras, a alegria do mundo contrastava muito com sua “*melancolia retraída e sensitiva.*”²¹

Após essa menção ao seu temperamento que, por certo, está de acordo com o que pensavam os médicos de sua época ser o *temperamento epilético*, Magalhães de Azeredo só irá aludir à epilepsia novamente algumas páginas depois, quando narra sua entrada na puberdade.

“[...] *crise psicológica da puberdade. Quando, na velha capela, ao longo de uma missa cantada, ou no vespertino ‘Tantum ergo’ da benção eucarística, entre o cintilar dos paramentos sacros, o bruxuleio dos círios, os perfumes mistos das flores e do incenso, [...], eu tremia, respirava a custo, quase desmaiava extático, até que doces lágrimas me deslizavam pela face.*”²²

Ainda que a alusão não diga respeito diretamente ou indiretamente à epilepsia, mas à *crise psicológica da puberdade*, dois detalhes são reveladores: por um lado, a referência ao *cintilar dos paramentos*, ao *bruxuleio dos círios* e aos *perfumes mistos das flores e do incenso*, que remetem a fortes impressões sensitivas, em especial a perfumes e luzes intermitentes, que afetam fortemente aos que têm epilepsia e podem provocar crises, e, por outro, à *extremada sensibilidade mística*, que, em alguns casos, acompanha essa doença. Nesse sentido, a alusão ao *desmaio extático* não deixa de ser alusiva a possíveis crises.

Narra também que se metia em muitas confusões na escola, e que logo se arrependia e corria ao confessionário, e que saía de lá aliviado, sem nenhum peso na consciência, mas que isso não se devia à pouca fé mais sim “*porque superficiais, impulsivas, sem malícia consciente, eram suas próprias faltas, **meras explosões de um temperamento exuberante.***”²³ O autor se mostra indulgente consigo mesmo, pois crê que

²¹ Idem Ibidem p.25.

²² Idem ibidem p.37.

²³ AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto. p.78

suas explosões juvenis se deviam ao seu temperamento, que a medicina de sua época já o havia ensinado dever-se a sua *doença nervosa*, a epilepsia.

Magalhães de Azeredo apesar de mencionar poucas vezes sua doença nesta primeira parte de suas memórias, que corresponde a cento e cinquenta e quatro páginas, termina a narrativa de sua infância e adolescência com a seguinte reflexão:

“Mas levava também os germes daquela tendência inata para tristeza, que já na infância e na adolescência me havia por vezes torturado. Tristeza sem motivo definido, tristeza mórbida, tristeza física, direi assim, que me empolgava de chofre no meio da mais límpida tranqüilidade ou da mais extrema alegria, como a um homem todo imerso no deleite de um idílio suave, ou na excitação jubilosa de um baile, a visão subitânea de um fantasma vestido de negro [...]”²⁴.”

Se a palavra *epilepsia* é evitada constantemente, a metáfora do *fantasma vestido de negro* é especialmente forte para expressar a experiência, o medo e o desconcerto da experiência da doença. E a utilização de expressões tais como *germes daquela tendência inata*, que Magalhães de Azeredo afirma ser uma *tortura* vivida desde a infância; *tristeza sem motivo*, *tristeza mórbida*, *tristeza física*; ou daquilo que lhe *empolgava de chofre no meio da mais límpida tranqüilidade* não deixa de retomar, na descrição de seu eu mais profundo, os termos tantas vezes utilizados pelos médicos de sua época para caracterizar a epilepsia, o *grande mal* que atacava sem aviso, que era herdado e inevitável, que trazia consigo um temperamento incontrolável, e que fazia dos que eram diagnosticados como epiléticos pessoas marcadas por uma dor sem tamanho que o autor só consegue expressar ao repetir por quatro vezes a palavra *tristeza* no mesmo e breve parágrafo. E que afirma se uma tortura vivida desde a infância.

Na segunda parte de suas memórias, intitulada “*Harmoniosa Mocidade*”, As alusões, mesmo indiretas à epilepsia praticamente desaparecem, e o autor só a cita de forma significativa uma vez. Assim que se muda para Roma e se estabelece em Rocca di Papa, afirma que o ar não lhe fez bem:

“[um] brusco abaixamento térmico acabou por [...] bulir nos nervos.[...] comecei a sentir um recrudescimento das desordens nervosas, que pela

²⁴ Idem Ibidem p.158.

primeira vez me havia atacado em São Paulo, quando estudante, e desde então se me tinham aninhado no organismo, em forma potencial ou larvada, prontas a emergir em assaltos ligeiros ou rudes, curtos ou longos, como me aconteceu em várias quadras da minha vida. Era um mal estar vago, mas que logo se tornava terrivelmente angustioso, como soem ser as perturbações desse gênero; caracterizava-se por tonturas, sufocações, vapores quentes no rosto e na cabeça, extremidades frias, náuseas que com freqüência rematavam em vômitos; com tudo isso, um terror estranho, excitado por apreensão de males graves ou gravíssimos [...]. Não era raro que, estando a palestrar despreocupadamente, caísse de súbito no chão, reerguendo-me logo, porém ser ter perdido os sentidos nem o fio das idéias, e continuando a conversar. ”²⁵

Nas cento e cinquenta páginas da última parte de seu livro de memórias esta é a única e significativa alusão a sua doença. É, no entanto uma referência particularmente significativa. Nela é possível encontrar indícios da explicitação do diagnóstico que recebera dos médicos, que distinguiam então a *epilepsia tônica* – o *grande mal*, acompanhado de crises com perda total dos sentidos - da *epilepsia* sob a forma larvada – que por vezes chamavam de *pequeno mal*, com características menos dramáticas -. Nela, também, não é difícil identificar a descrição dos sintomas do que os médicos identificavam como a *aura* que precede a crise, *um mal estar vago, mas que logo se tornava terrivelmente angustioso, como soem ser as perturbações desse gênero; caracterizava-se por tonturas, sufocações, vapores quentes no rosto e na cabeça, extremidades frias, náuseas que com freqüência rematavam em vômitos; com tudo isso, um terror estranho, excitado por apreensão de males graves ou gravíssimos*. Nela, por fim, está a explicitação do sintoma clássico do *mal caduco*, eufemismo utilizado pela medicina da época para referir-se a doença, caracterizada pela *queda súbita ao chão*. E chega a ser comovente a tentativa de minimizar sua própria sina de *epilético* ao garantir que não perdia *os sentidos nem o fio das idéias*, e, portanto, repetir quase ao pé da letra a anamnese médica para os casos que classificavam como de *epilepsia larvada*, menos devastadora que a doença na sua forma convulsiva.

Em outros trechos deixa entrever que passou mal, ou que sua saúde estava abalada, ou mesmo sobre ter *nervos fracos*, ou sua personalidade *melancólica*, nada mais

²⁵ Idem Ibidem p.236.

que pequenas frases soltas no meio do texto. Não menciona mais ter caído de súbito no chão, ou mesmo que teve alguma indisposição que o deixou impossibilitado para escrever como aparece de forma recorrente em sua correspondência trocada com Machado de Assis.

A autobiografia é pacto feito pelo autor-narrador em “*dizer a verdade, nada mais que a verdade*”²⁶, mas ele apenas conta, segundo Lejeune

“o possível (a verdade tal qual me parece, levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erro, deformações involuntárias, etc.) e em demarcar explicitamente o ‘campo’ ao qual o juramento se aplica (a verdade sobre tal aspecto de minha vida, sem me comprometer sobre tal outro aspecto).”²⁷

O modelo que o autor-narrador pretende seguir é o real, o que ele entende por real, ou aquilo a que ele pretende que se assemelhe ao que foi real. Essa semelhança pode dar-se de forma negativa ou positiva, tudo depende da *significação* que esta informação tem para o narrador. No caso de Magalhães de Azeredo, assumir-se como *um epilético*, seria assumir o que chama de *uma tortura* como marca de identidade., ele não esconde de todo sua condição, conta o que é possível contar, sem que esse fato intervenha de forma incisiva sobre a *persona* criada em sua autobiografia. Nesse espaço de criação da *persona* pública, a epilepsia não aparecerá como algo que teve uma grande interferência em sua vida, mas como um transtorno que se manifesta apenas em alguns momentos. Em um trecho da segunda parte das memórias, afirmar a relativização que faz de sua própria experiência da doença, o autor compara o que chama de sua *neurastenia* à dos amigos Machado de Assis e Mario de Alencar, para afirmar que ambos sofriam muito mais que ele com a doença, que no caso de ambos assumia uma forma muito mais severa que no seu próprio caso, pois apesar de algumas vezes ter *caído de súbito*, em nenhum momento perdeu o *fiô de seu pensamento*, ou precisou da piedade dos outros.

²⁶ Philippe LEJEUNE. *O Pacto Autobiográfico. De Rousseau a Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.36.

²⁷ Idem *ibidem* p.36-37.

As circunstâncias em que Magalhães de Azeredo escreveu suas memórias São uma variável relevante para a compreensão do texto. O autor só inicia a escrita de sua autobiografia depois dos cinquenta anos, portanto a maioria das recordações narradas no livro já datavam de pelo menos trinta anos, já que as memórias se encerram quando seu autor alcança os vinte cinco anos.

O autor, portanto, escreve suas memórias remotas. E nelas a *ilusão biográfica*²⁸ a que Bourdieu se refere ao problematizar esse gênero de escritos aparece no protagonismo que assume na narrativa sua dupla carreira de escritor e de diplomata e a rede de relações pessoais que estabelece nesse duplo cenário de seu protagonismo público. São fragmentos de uma memória recriada, nos quais prevalece o modelo de identidade criado de si mesmo e de seu passado. E essa identidade é aquela que diz respeito à sua *cidadania no mundo dos sãos*, nos termos propostos por Susan Sontag. Mesmo assim, quase como uma sombra, é possível identificar sua identidade *no mundo dos doentes*, o *fantasma vestido de negro* da epilepsia, e sobretudo dos estigmas que a cercam, que assombrou sua vida como a de tantos outros.

3. Conclusões preliminares

Foi possível perceber através da análise da correspondência trocada com Machado de Assis e Mario de Alencar que neste espaço de sociabilidade do privado, a epilepsia tem lugar de destaque, apesar de apenas ser mencionada de forma alusiva. Nas missivas o autor pode assumir perante seus iguais, o que considera sua face obscura de epilético, sua identidade *no mundo dos doentes*, e é neste espaço privado que estes intelectuais criam um forte laço de solidariedade mútua. Por serem socialmente identificados como pertencentes ao *mundo dos doentes*, e nele, serem portadores de uma doença fortemente estigmatizada, só entre si podem confessar seus medos e angústias com relação à epilepsia sem receio de sofrerem qualquer tipo de julgamento ou preconceitos.

Nas cartas é possível encontrar trocas de idéias e sentimentos, ambiente de reflexão sobre si mesmos ou sobre o que ocorre ao seu redor. Por isso a carta é considerada como um

²⁸ Pierre BOURDIEU. “A ilusão biográfica” In: Marieta de Moraes FERREIRA e Janaína AMADO (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

documento valioso para os historiadores, é uma das formas de ver o passado na visão de alguém que viveu e presenciou aquele tempo histórico. São, como todos os demais, documentos historicizados, ou seja, datados, determinados em um tempo e lugar. E é importante que o historiador, ao lê-las, tenha o cuidado crítico em não ver nelas a transparência do que realmente ocorreu, mas a versão de si que seu signatário quer transmitir. As cartas são, de forma muito particular, um lugar privilegiado da construção da *persona* privada do missivista para si mesmo, para o destinatário e, posto que escritas, também podem abrir esse universo para a posteridade.

A missiva é “*um lugar de sociabilidade ‘privado’, oposto aos lugares ‘públicos’*”²⁹, que durante muito tempo foi uma prática social corrente entre os letrados. Por vezes as cartas, por serem um espaço de narrativa pessoal, podem ser lidas como escritos autobiográficos, ou mesmo como um tipo de diário íntimo compartilhado com o destinatário, o que faz delas uma narrativa subjetiva, bem diferente de textos escritos com o intuito de publicação³⁰.

Foi possível perceber também, a partir da análise do livro de *Memórias* de Magalhães de Azeredo, que a epilepsia aparece muito discretamente no livro, uma vez que o autor pouco alude, mesmo indiretamente à doença. O autor-narrador menciona a epilepsia de forma alusiva, através de metáforas ou passagens em que faz menção do que chama se sua *melancolia*, seus *nervos abalados* ou o que chama de uma *dispepsia nervosa ou neurastenia* e, mesmo assim, essas alusões são muito poucas em um livro de 300 páginas em que o tema central é sua própria vida. O autor prioriza sua trajetória intelectual e como diplomata, os diversos lugares da Europa que conheceu e as pessoas importantes com quem se relacionou. Ao construir sua *persona* pública, esses são os traços que Magalhães de Azeredo destaca.

²⁹ Rebeca CONTIJO. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” In GOMES, Ângela de Castro(org). **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, s.d.

³⁰ Idem. *Ibidem*.

O que foi possível concluir sobre a comparação feita entre as cartas e o livro autobiográfico de Magalhães de Azeredo *Memórias* aponta, especialmente, o peso do interdito sobre a epilepsia e, em ambos os casos ainda que com nuances significativas, o silêncio a respeito da doença parece ser mais eloquente que as palavras. Em sua autobiografia esse silêncio é bastante significativo, ainda que um leitor informado sobre a epilepsia do autor e sobre o pensamento médico da época seja capaz de identificar indícios que permitem, por um lado, descobrir o universo de sofrimento pessoal dos que recebiam esse diagnóstico e, por outro, a presença do pensamento médico da época na auto imagem de um intelectual informado que recebia esse diagnóstico.

Já no que diz respeito à correspondência de Magalhães de Azeredo, a experiência compartilhada da epilepsia com Machado de Assis e Mário de Alencar, permite que esse silêncio acerca da doença se esgarce, ou seja, em um ambiente que o autor considerou ser seguro e com pessoas que sofriam do mesmo mal, ele se atreve a mencionar, mesmo que de forma discreta e sempre eufemística, a epilepsia e os sofrimentos que a doença lhe causava.

Bibliografia:

- CONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” IN GOMES, Ângela de Castro(org). **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico. De Rosseau a Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.

- SOUZA, Elizeu Clementino de e PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). “Narrativas em processos de pesquisa e formação: escrevendo... Juntando pedacinhos, reconstruindo trajetórias.” In *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, e GOTLIB, Nádía Battella (orgs). *Prezado Senhor. Prezada Senhora. Estudos Sobre Cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PINHEIRO GUIMARÃES, Francisco. *Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade*. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- MOTTA, Manuel de Marsilac. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos*. Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.